Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Imagens da maternidade negra em Quarto de Despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus

Ana Caroline Tavares dos Santos (UFRB)
https://orcid.org/0009-0002-9743-9484
anacarolinet62@gmail.com

Silvana Carvalho da Fonseca (UFRB)

https://orcid.org 0000-0001-8263-3482
silvanacarvalho@ufrb.edu.br

***Resumo**: Este trabalho tem como objetivo discutir imagens da maternidade negra e suas nuances através da análise do livro "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", da escritora Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960. Buscou-se compreender as imagens da maternidade negra e as dificuldades que a rodeiam, considerando a experiência de uma mãe solo e moradora da favela do Canindé. Além disso, analisou-se como a "escrevivência", operador teórico da autora Conceição Evaristo, se relaciona com a narrativa de Carolina Maria de Jesus e a experiência coletiva de mulheres negras. A análise bibliográfica da obra permitiu colocar em relevo as complexidades da maternidade negra, suas contradições e desafios em meio a precariedade e disputa pela vida. Para tanto, trabalhou-se com as referências do feminismo negro a partir de Lélia Gonzalez, para discutir o papel da mulher negra na sociedade brasileira e o conceito de "mãe preta",discutindo os estereótipos impostos a mulheres negras durante a escravização, Conceição Evaristo com o conceito escrevivência, para pensar o projeto estético de mulheres negras e Carolina Costa Ferreira (2020),Eliane Perreira(2022), Edilene de Cássia (2022), que discutemr os desafios que permeiam a maternidade negra.*

***Palavras-chave**: Maternidade. Escrevivência. Mulheres negras.*

***Abstract**: This work aims to discuss images of black motherhood and its nuances through an analysis of the book "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada" (The Room of Disposal: Diary of a Slum Dweller), by writer Carolina Maria de Jesus, published in 1960. It sought to understand the images of black moth-*

erhood and the difficulties that surround it, considering the experience of a single mother living in the Canindé slum. In addition, we analyzed how "escrevivência" (writing-living), a theoretical concept developed by author Conceição Evaristo, relates to Carolina Maria de Jesus' narrative and the collective experience of black women. The bibliographic analysis of the work allowed us to highlight the complexities of black motherhood, its contradictions, and challenges amid precariousness and the struggle for life. To this end, references to black feminism were used, based on Lélia Gonzales, to discuss the role of black women in Brazilian society and the concept of the "black mother," discussing the stereotypes imposed on black women during slavery, Conceição Evaristo with the concept of escrevivência, to reflect on the aesthetic project of black women, and Carolina Costa Ferreira (2020), Eliane Perreira (2022), and Edilene de Cássia (2022), who discuss the challenges that permeate black motherhood.

***Keywords**: Motherhood. Writing. Single Mother.*

1 INTRODUÇÃO

Diante da publicação de seu primeiro livro, intitulado "Quarto de despejo: diário de uma favelada", de 1960, Carolina Maria de Jesus discutiu sobre a maternidade experienciada por uma mulher negra e favelada, abordando temas importantes como: a fome, desigualdade social e a violência nas periferias. Dentro do seu diário, a autora explicita as dificuldades enfrentadas por ela na criação de seus filhos e a sua luta por um lugar melhor para viver.

A autora descreve a vida cansativa de morar na favela, destacando a falta de alimento, de moradia e de saneamento básico. Levando em consideração todos os desafios de morar em situações precárias, também destaca a rotina cansativa da maternidade, que muitas vezes se torna difícil e desgastante. Além de se pensar na maternidade vivida por uma mulher negra e favelada, Carolina nos ensina a refletir criticamente sobre as condições de vida nas periferias, na qual ela faz uma crítica sobre a falta de estruturas nas comunidades periféricas e, através do seu diário, realiza uma leitura crítica do Brasil.

A autora denuncia a indiferença das autoridades em relação à pobreza e às condições de vida dos moradores de periferias, bem como também descreve como as promessas políticas, muitas vezes, não se concretizam e como as ações governamentais são insuficientes para resolver os problemas básicos de moradia, saúde e alimentação. Ela expõe a hipocrisia e a corrupção dos políticos, que visitam as favelas apenas em períodos eleitorais, mas não implementam políticas efetivas para melhorar a vida dos pobres. Suas observações revelam um profundo senso de injustiça e frustração com a situação socioeconômica do país.

> 5 DE JUNHO ... Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador queassiste e observa as trajedias que os politicos representam emrelação ao povo (JESUS, 1960, p. 45).

Durante sua escrita, expõe a corrupção entre os políticos, mencionando como eles usam os problemas dos pobres para se promoverem, mas não implementam mudanças reais. Carolina aponta ainda a hipocrisia dos discursos políticos que não se traduzem em ações, descreve detalhadamente as péssimas condições de vida nas favelas, como a falta de saneamento básico, moradias precárias e a escassez de alimentos. Além disso, critica a falta de ação do governo em relação a essas questões.

> - Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. democracia é fraca e os políticos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia....Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido (JESUS, 1960, p. 33).

A crítica de Carolina Maria de Jesus sobre o descaso de políticos em relação à população pobre do Brasil nos remete à discussão que o autor Achille Mbembe apresenta em seu livro "Necropolítica", de 1999, Mbembe explica que o poder determina quem pode viver e quem pode morrer, exercendo controle sobre a população. No entanto, não é qualquer corpo que pode morrer; o "corpo matável" é aquele que está sempre em risco de morte, como é o caso da população pobre e negra. O autor também explica que esse termo demonstra as diversas formas pelas quais o mundo permite que certas estruturas sejam mantidas com o objetivo de causar a destruição de determinados grupos:

> Quem é o sujeito desse direito? O que a aplicação desse poder nos diz sobre a pessoa que é condenada à morte e sobre a relação de inimizade que opõe essa pessoa ao seu carrasco? A noção de biopoder por acaso dá conta da forma como a política, hoje, faz do assassinato de seu inimigo seu objetivo primeiro e absoluto, com o pretexto da guerra, da resistência ou da luta contra o terror? Afinal de contas, a guerra também é um meio de estabelecer a soberania, assim como um modo de exercer o direito de dar a morte. Se considerarmos a política como uma forma de guerra, devemos nos perguntar que lugar ela deixa para a vida, para a morte e para o corpo humano (especialmente quando este é ferido e massacrado). Como eles se inscrevem na ordem do poder? (MBEMB, 2006, p.20).

Além disso, Carolina de Jesus narra seu contato com a cultura e a literatura, evidenciando a sua vontade de ter acesso à educação e de conhecer o mundo. Ela relata suas leituras, suas reflexões, seus sonhos e sua esperança de um futuro melhor para si mesma e para os que a cercam. A narrativa da autora é marcada por um experiência histórica que reposiciona a linguagem na periferia, no corpo negro, transmitindo de forma contundente a dura realidade vivida por milhares de pessoas no Brasil. Segundo Fernanda Rodrigues (2022):

> quando Carolina Maria de Jesus surgiu no cenário da literatura, pautado pela exclusividade de uma casta – entendendo aqui que a casta letrada brasileira permeia classes e origens, mas se sustenta numa ordem de gênero e raça – sua escrevivência se inseriu em um campo de

> autor representação cujos passos vinham de longe”[1]com a entrada de Carolina na literatura ela trouxe o negro como o personagem principal, ao contar a própria história Carolina tornou visível o lugar negro na escrita, através do seu diário (RODRIGUES, 2022, p. 68).

A escrevivência de Evaristo (2020) reflete histórias, memórias e vivências da comunidade negra no Brasil, dando visibilidade a perspectivas frequentemente marginalizadas na literatura e na sociedade. A teórica acredita que a escrita é uma forma de resistência e afirmação da identidade, funcionando como um meio de preservação da memória e de luta contra a opressão. Conceição Evaristo também enfatiza a ideia de que a escrevivência vai além da escrita, sendo uma postura de resistência e afirmação identitária. Para ela, é fundamental que os escritores negros ocupem os espaços de produção literária, questionem estereótipos, rompam com padrões estéticos eurocêntricos, e construam narrativas que reflitam a pluralidade e riqueza da cultura afro-brasileira.

Assim, a autora destaca que a escrevivência é uma forma de transformar a literatura em um instrumento de luta contra a opressão e de valorização das histórias e trajetórias dos negros brasileiros. Para a autora Conceição Evaristo, a escrevivência é: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Duarte, 2020). A escrevivência se tornou, para nós, uma forma de narrar nossas próprias histórias, nossas dificuldades e nossa resiliência, a partir de nossa própria perspectiva, como mulheres negras, sem depender da visão do outro.

> Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada.(DUARTE, 2020,p.30-31)

A narrativa de Carolina também aborda as dificuldades financeiras e emocionais que ela enfrenta como mãe solteira, além das expectativas sociais que recaem sobre as mulheres negras. Ela expressa o desejo de proporcionar uma vida melhor para seus filhos, mesmo quando enfrenta escassez de recursos e oportunidades. Isso coloca em evidência a complexidade da maternidade negra que, muitas vezes, é marcada por uma luta constante contra a opressão e a marginalização.

> 15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somosescravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 1960, p. 10).

A citação acima mostra a dor de uma mãe que não tem condições de proporcionar um par de sapatos novos para dar à sua filha de aniversário. Isso nos faz refletir sobre a desigualdade social esmagadora e como é difícil imaginar a dor dessa mãe por não poder proporcionar algo que é um direito básico. A cena nos mostra a expressão do amor materno e a dedicação de Carolina Maria de Jesus em querer dar um presente à sua filha, mesmo em meio à precariedade. Ao mesmo tempo, nos revela a triste realida-

de das pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade. A desigualdade social impossibilitou uma mãe de dar um presente à sua filha de forma digna. Carolina teve que escolher entre comprar um par de sapatos novos para sua filha, Veronice, ou comprar alimento. Mesmo diante dessa escolha difícil, Carolina buscou uma forma de presentear sua filha, mesmo que fosse com sapatos velhos e achados no lixo. Com carinho, cuidado e amor, ela lavou, remendou e entregou os sapatos para que sua filha os usasse e não ficasse descalça.

No Brasil, a condição da mulher negra periférica atualmente é marcada por múltiplas desigualdades e desafios, enfrenta-se obstáculos relacionados à raça, gênero, classe social e a localização geográfica, o que contribui para uma realidade complexa. Em termos de desigualdade racial, mulheres negras periféricas enfrentam altos índices de discriminação e racismo estrutural. Segundo a pesquisa do site do senado federal, 66% das mulheres negras sofrem violência doméstica e não possuem nenhum tipo de renda. Além disso, 85% das mulheres revelam ter sofrido algum tipo de disriminação tanto por ser negra ou por ser mulheres. Diante disso, nasce também a mãe negra, marcada pela desigualdade, pela falta de recursos, pela discriminação e pela luta diária para criar seus filhos, com o medo de perdê-los. No entanto, essa mãe encontra esperança em proporcionar o melhor para eles através do seu trabalho, mesmo que isso signifique enfrentar situações humilhantes e desgastantes. Muitas vezes, ela deixa de vivenciar momentos importantes com seus filhos para que eles possam ter um futuro diferente do dela. Além do medo, o nascimento de uma mãe negra também é marcado por um amor incondicional, intenso, desafiador e transformador, pois essa mãe vê em seu filho um futuro brilhante, não apenas para sobreviver, mas para viver.

2 MATERNIDADE NEGRA

O conceito de “mãe preta” foi discutido pela autora Lélia Gonzalez, no livro “O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual”, de 1982. em suas palavras:

> foi em função de uma atuação como mucama, que a mulher negra deu origem a figura da "Mãe preta", ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos da primeira infância (fundamental da formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou educou o filho de seus senhores, contando-lhes estórias sobre o quilombo (GONZALEZ, 1982).

A autora aborda que o termo surgiu a partir das amas de leite que cuidavam dos filhos das senhoras na casa branca, no qual as mulheres negras eram obrigadas a amamentar os filhos dos senhores. As mulheres negras eram obrigadas a deixarem seus filhos para amamentarem os filhos dos senhores, assim, a figura da mãe preta surgiu para explorar ainda mais essas mulheres, as colocando como gentis, cuidadoras cheias de amor que compartilhavam com todos.

Dando continuidade à discussão sobre o que é ser uma mãe preta, a autora Sueli Carneiro (2011) destaca que, no âmbito da literatura, a figura da mãe preta é cercada por um mito. Essa figura é associada às mães negras que deixam de cuidar de seus próprios filhos com todo o amor e carinho para se dedicar a cuidar dos filhos dos senhores.

Isso reforça ainda mais a desvalorização da maternidade negra, onde as mães negras deixam seus filhos para criar os filhos dos brancos com todo o amor, carinho e bondade.

> No âmbito da literatura canônica brasileira, de acordo com Roncador (2008), a “mãe preta” é alçada à condição de mito, no qual aparece como símbolo da “fidelidade incondicional” e do “servilismo absoluto à classe senhorial”; uma mulher que, “apesar de lhe ter sido retirado o filho, ama e acolhe com doçura a criança branca a que deverá amamentar”. Nesse contínuo, de modo análogo à figura da mammy, a mãe preta poderia ser descrita nos termos desse mito como aquela que ama os filhos dos brancos mais do que os próprios filhos (CARNEIRO, 2011, p. 245).

Segundo a autora Lélia Gonzalez (2011), o termo mãe preta representa uma dualidade, uma por ser sempre vista com esse amor incondicional que mesmo diante das adversidade sempre pensa nos outros, além de se sacrificar pelo bem-estar dos filhos dos senhores. Esse termo imposto sobre a mulher negra, reforça os estereótipos racistas e discriminatórios sobre elas, que são vistas como alguém para cuidar e servir. Além de reforçar a ideia de que ela ama mais os filhos dos senhores do que os próprios, por isso todo esse carinho e dedicação.

Conceição Evaristo(2020) explica que a mulher negra que vivenciou a condição de escravizada foi forçada a criar os filhos da família colonizadora. Segundo a autora Conceição Evaristo, a "mãe preta" era a mulher negra que alimentava e cuidava dos filhos dos senhores, conhecidas como "mães de leite". Quando se fala em mãe preta , pensa-se na mulher guerreira, que deixa de cuidar de si para dar o melhor para seus filhos e essa representação da mãe preta está voltada para os estereótipos impostos pela sociedade, que ver a figura da mãe preta como algo heróico, onde essa mulher abdica da sua própria felicidade em prol do cuidado do outro. Ainda no pensamento de Sueli Carneiro (2018),

> [21]a figura da mãe preta é uma representação de uma trabalhadora negra doméstica que deixa de cuidar de seus próprios filhos para lidar com os filhos dos brancos. As mães pretas, vistas na época da escravização como amas de leite, deixavam de alimentar seus próprios filhos para alimentar os filhos dos senhores (CARNEIRO, 2018).

Desde a época da escravização, a maternidade negra é tirada dessas mães, pois elas eram forçadas a abandonar a amamentação de seus próprios filhos para cuidar dos filhos dos brancos. Atualmente, essa realidade não mudou significativamente, pois as mães negras ainda são frequentemente obrigadas a abrir mão do cuidado e da criação de seus próprios filhos para criar e cuidar dos filhos da elite branca brasileira. Segundo o site do Ministério do trabalho e emprego 91,1%dos empregos domésticos são composto por mulheres 1\3 dessas mulheres possuem carteiras assinadas, 61,5% são mulheres negras retintas, com baixa renda e escolaridade.Carolina Maria de Jesus sempre deixou claro o quanto trabalhava e se esforçava para proporcionar o melhor para seus filhos, enfrentando dificuldades e o cansaço, tudo isso para dar o melhor para eles. Mesmo

[21] BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Emprego doméstico no Brasil é formado por mulheres. Disponível em: 14 out.2024.

diante disso, vemos o esforço dessa mãe ao querer dar um presente de aniversário para sua filha, algo que, para alguns, pode ser simples, mas para Carolina era muito mais significativo.

Durante toda sua narrativa, Carolina Maria de Jesus enfrenta os desafios que uma mãe solo enfrenta: a falta de estrutura, a falta de alimento, a falta de apoio, mesmo cansada ou doente, Carolina não deixa de ir para as ruas da grande cidade de São Paulo para catar materiais recicláveis. É notório o quanto Carolina se esforça para manter o básico para seus filhos.

> 3 DE AGOSTO ...Hoje os meninos vão comer só pão duro e feijão com farinha. Eu estou com tanto sono que não posso parar de pé. Estou com frio. E graças a Deus não estamos com fome. Hoje Deus está ajudando-me. Estou indecisa sem saber o que fazer. Estou andando de um lado para outro, porque não suporto permanecer no barracão limpo como está. Casa que não tem lume no fogo fica tão triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeitar O lar (JESUS, 1960, p. 89).

A descrição que Carolina de Jesus faz referente ao pão duro e do feijão com farinha é algo extraordinário, considerado a vida cotidiana e a emoção de como alimento simples e comum representa a vida cotidiana e a emoção de cozinhar para seus filhos mesmo na simplicidade. A autora nos apresenta o alimento não só como produto físico, mas algo que conecta a alma, destacando como a comida desempenha o papel de não só satisfazer a fome mas também aquecer a alma e a sua casa. O ato de cozinhar não está relacionado somente ao preparo do alimento mas com o carinho e cuidado de preparar a refeição para seus filhos.

Carolina nos apresenta uma maternidade realista, onde ela expõe as suas dificuldades em prover o básico para seus filhos. Ela deixa claro que enfrenta qualquer tipo de desafio para buscar uma melhora para si e para seus filhos. É importante ressaltar que a vida da mãe negra periférica no Brasil é diversa e varia de acordo com vários fatores, como localização geográfica, nível socioeconômico e acesso a serviços básicos.

> 16 DE JULHO Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar agua. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia dois anos, que eu pretendo comprar uma maquina de moer carne. E uma maquina de costura (JESUS, 1960, p. 10).

A autora apresenta a reflexão sobre as lutas vividas por mulheres que enfrentam a precariedade, revelando suas dificuldades e a busca de uma qualidade melhor de vida. Carolina de Jesus, destaca sua luta para sustentar seus filhos mesmo com a exaustão do trabalho pesado, mesmo cansada enfrenta qualquer desafio ou dificuldade para alimen-

tar seus filhos. No entanto, é inegável que a desigualdade racial e social afeta de forma desproporcional à vida dessas mulheres, tornando suas realidades mais desafiadoras. A vida da mãe negra periférica no Brasil é marcada por desafios e resiliência. Mulheres que enfrentam uma realidade complexa, combinando questões de gênero, raça e classe social. Elas são mães, tias, irmãs e cuidadoras desde o nascimento. Historicamente, as mães negras têm sido vistas através de lentes que diminuem e minimizam suas experiências e realidades, muitas vezes sendo marginalizadas e desumanizadas.

Além disso, a mãe negra não pode ser vista como frágil, pois seu papel na sociedade é colocado como mulher forte. Carolina Maria de Jesus traz consigo esse estereótipo de mulher forte, afinal, como a sociedade pode dizer que uma mulher que acorda cedo, trabalha, cuida dos filhos, pode ser considerada frágil? Essa é a questão para a sociedade, onde a mulher negra nunca vai ser vista como frágil ou alguém pra ser cuidada, ela sempre vai ser vista como forte e guerreira. Esse estereótipo frágil só é visto em relação às mulheres brancas, que são caracterizadas como o ser a ser cuidado e zelado.

Segundo Sueli Carneiro (2011):

> Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2011).

Carolina Maria de Jesus, traz em sua narrativa, conceitos a serem discutidos sobre o que é ser uma mãe preta na sociedade, sendo exposta a violência, desigualdade social, racismo entre outras dificuldades enfrentadas por essas mães.

> Durante o dia, os jovens de 15 e 18 anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o emporio do senhor Raymundo Guello. E um ficou carimbado com uma bala. O assalto teve inicio as 4 horas. Quando o dia clareou as crianças catava dinheiro na rua e no capinzal. Teve criança que catou vinte cruzeiros em moeda. E sorria exibindo o dinheiro. Mas o juiz foi severo.Castigou impiedosamente (JESUS, 1960, p. 18-19).

Além de discutir sobre a maternidade e os desafios dela, Carolina de Jesus também aborda a violência na comunidade. Uma realidade vivida por essas mães e outros moradores da favela do Canindé, a violência é uma questão social que permeia a realidade da maternidade negra, o medo de perder seus filhos por causa da violência nasce antes mesmo dessa mulher negra dar à luz. Além da ausência na vida de seus filhos, as mães negras periféricas têm que enfrentar a dor de ver a integridade de seus filhos ser questionada pela mídia, que os rotula como marginais. Isso torna a dor e o luto ainda mais difíceis para essas mães enfrentarem. É como Ferreira (2019, p. 736) afirma: “A

Mulher-mãe-negra, vítima da violência estatal, precisa se preocupar com a reputação do seu filho morto para obter alguma resposta do sistema de justiça: é necessário provar que era um trabalhador, um estudante, uma pessoa honesta".

A dor dessa maternidade tem cor e gênero, como destaca a autora Carolina Costa Ferreira (2019) em seu texto "Vozes de uma dor sem nome: necropolítica maternidade no Brasil", que retrata a dor e o sofrimento de mães negras que perderam seus filhos de forma trágica, sem obter justiça ou sequer o corpo de seus filhos de volta: "o Estado brasileiro é uma máquina de guerra, dirigida aos jovens, negros e pobres periféricos" (Ferreira, 2019, p.735).

No entanto, é inegável que a desigualdade racial e social afeta de forma desproporcional a vida dessas mulheres, tornando suas realidades mais desafiadoras. Além das responsabilidades domésticas, muitas trabalham fora para garantir o sustento da família. Apesar dos desafios, essas mulheres resistem e lutam por seus direitos. É inegável que a desigualdade racial e social afeta de forma desproporcional a vida dessas mulheres, tornando suas realidades mais desafiadoras. A violência é uma preocupação constante, as mães negras periféricas frequentemente enfrentam a violência doméstica, a violência policial e a violência comunitária. A insegurança pode impactar negativamente a qualidade de vida e o bem-estar mental e físico, o racismo estrutural e institucional continua a afetar as oportunidades e o tratamento das mulheres negras. Enfrenta-se discriminação em diversas áreas, incluindo emprego, educação, saúde e moradia. A obra de Carolina humaniza as mães solo periféricas, apresentando suas esperanças, medos e desejos, isso ajuda a gerar empatia e compreensão, pois a história de Carolina Maria de Jesus é uma prova de resistência e força. Sua capacidade de transformar suas experiências em uma obra literária é inspiradora e demonstra que, apesar das adversidades, é possível encontrar formas de se inscrever e desafiar as imposições da violência.

Carolina de Jesus dá visibilidade a uma realidade frequentemente silenciada: a vida das mulheres negras e pobres que vivem em favelas. Ao contar sua própria história, ela oferece visibilidade a um grupo que, historicamente, foi marginalizado tanto na sociedade quanto na literatura. Sua narrativa desafia as narrativas dominantes que costumam ignorar ou desumanizar essas experiências. Através de sua escrita, Carolina inspira outras mulheres negras a se expressarem e a contarem suas próprias histórias. Dentro da sua produção ética e estética, existem várias Carolinas mães negras que residem dentro das periferias, que buscam diariamente seu sustento, que enfrentam dificuldades para alimentar seus filhos, que bate de frente diariamente com a violência e a opressão, que enfrentam qualquer desafio para manter seus filhos vivos, que buscam sobreviver dentro de um país violento e machista, mas que não deixam de sonhar e de buscar um lugar melhor.

Apesar de sua força e determinação, a narrativa também nos apresenta um outro lado da maternidade, representado pelo cansaço e o desgaste, que, em muitas situações, foi motivo de queixa da narradora. Carolina destaca a sua rotina cansativa e difícil na criação de seus filhos, assim como também relata a falta de apoio. Carolina vai relatar, no decorrer da sua escrita, as dificuldades enfrentadas por ela na criação de seus filhos e como pode ser difícil a vida de uma mãe solo e periférica.

O enfrentamento do cansaço materno, desemprego, falta de acesso à educação de qualidade, saúde precária e falta de moradia digna, são realidades que muitas mulheres negras têm que lidar. Além disso, destaca-se a sobrecarga do trabalho doméstico

e da criação dos filhos sozinhas, quase sempre em um contexto de baixo poder aquisitivo e dificuldade em conciliar trabalho, cuidado dos filhos e afazeres domésticos.

Ressalta-se ainda a solidão e a vulnerabilidade no qual uma mulher negra e periférica está sujeita, em que muitas mães solos e periféricas enfrentam dificuldades financeiras significativas e, frequentemente, têm empregos informais ou de baixa renda, o que dificulta o sustento da família. A rede de apoio pode ser limitada e, muitas vezes, essas mães têm que equilibrar múltiplas tarefas e responsabilidades junto com a falta de um parceiro: “Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não têm, ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (Jesus, 1960, p. 19).

3 DESAFIOS E TENSÕES DA MATERNIDADE

> 16 DE JULHO Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar agua. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma maquina de moer carne. E uma maquina de costura (JESUS, 1960, p. 10).

Carolina Maria de Jesus descreve a rotina cansativa de uma mãe periférica, onde seu dia começa muito antes do sol nascer e descreve o fardo e o cansaço de alimentar e cuidar de seus filhos sozinha. Mesmo amando-os, deixa claro o cansaço e o desgaste da rotina pesada, repetitiva e cansativa, isso reflete a rotina de muitas mães periféricas no qual se tem um desgaste emocional e físico. A autora Marcela Samara Lira da Silva (2021), ao discutir a sobrecarga na maternidade destestaca:

> O conceito de sobrecarga é uma aplicação de uma força maior do que se pode suportar, é um excesso de carga ou peso e que está representando um risco para a segurança. No decorrer dos séculos, observa-se que na construção social de papéis, distinguia-se o papel dos homens e o das mulheres, posto que as funções masculinas eram em espaços públicos e as femininas eram dadas aos espaços privados, como os domésticos e eram lhe entregue o dever de cuidar dos filhos de forma integral, pelo fato de comumente estar atrelado à chamada ‘natureza feminina’, a mulher ao longo da história tem sido considerada um ser frágil, porquanto submissas às suas famílias e marido (SILVA, 2021).

Com base na discussão da autora, pode-se perceber que a sobrecarga materna sempre se aplica para a mulher, principalmente se essa mulher for negra e periférica, isso acontece tanto na sobrecarga do trabalho doméstico quanto na criação de filhos. Além do mais, a autora Carolina Maria de Jesus (1960) descreve com detalhes o cansaço físico e mental na maternidade.

> Eu estava tão cançada. Eu queria sair para arranjar mais dinheiro. Masa canceira dominou-me. Ouvi as crianças gritar que estão dando cartões. Corri como flexa. A canceira sumiu. Encontrei o João que já vinha com um cartãoacenando na mão. Todos estavam sorrindo como se tivesse ganhado um prêmio.Li o cartão. Era para ir buscar um prêmio e uma surpresa para seu filho na rua Javaés 171 (JESUS, 1960, p. 57).

Por conta da grande sobrecarga na maternidade, muitas mulheres acabam sofrendo um desgaste físico e psicológico, algumas das doenças causadas pelo cansaço materno é o burnout, que é gerado pela grande sobrecarga. A autora Marcela Samara Lira da Silva(2021) faz um discussão interessante sobre a dificuldade dessas mães em cuidar de seus filhos sem um apoio paterno, desencadeando o burnout, que é uma doença causada pelo esgotamento físico, emocional e mental, além de causar ansiedade e a sensação de esgotamento devido a essa sobrecarga, a autora também comenta sobre a falta de apoio paterno durante e depois do nascimento da criança e como a falta de ajuda pode piorar os sintomas da doença.

O cuidar é uma condição intrínseca da maternidade e, muitas vezes, as mães vivenciam experiências intensas e de beleza ao exercer o cuidado materno, mas essa relação na realidade de mulheres negras, está atravessada por uma complexidade de fatores que exaurem a subjetividade. O medo da morte dos filhos pela violência, o acúmulo de funções, a solidão, processos sistemáticos de desumanização afetam brutalmente os processos de maternagem negros.

Apesar dos desafios, mulheres negras resistem e lutam por seus direitos,se apoiam mutuamente e buscam visibilidade para suas vozes e experiências. Dentro de seu diário, Carolina mostra a realidade de outras mulheres que vivem na comunidade do Canindé, onde a autora cita a vida e a rotina dessas experiências e mostra que muitas delas são vítimas de violência doméstica e entre outras violências. A partir dos seus relatos, destaca-se as lutas dessas mulheres, sem apoio ou recursos para se livrar das violências que as rodeiam. Diante dessa relação complexa e difícil há uma aceno na denúncia da narrativa que expressa resistência e proposição: é fundamental que as mães negras busquem " a saída do quarto de despejo" proposta no projeto estético da autora.

Carolina de Jesus não romantiza a dureza da realidade na qual ela vive, enfatizando o desgaste físico pelo trabalho exaustivo e falta de recursos básicos. A desmistificação do termo mãe guerreira traz o questionamento sobre a romantização da dureza da realidade vivida por essas mulheres que, muitas das vezes, vivem em situações de extrema pobreza. Esse termo impõe sobre a mulher negra a ideia de que ela deve dar conta de tudo sozinha, retirando a responsabilidade paterna na criação dos filhos, resultando na exaustão e no desgaste dessas mães.

Dito isso, a autora Lélia Gonzalez, em seu trabalho, "O Lugar da Mulher: Estudos Sobre a Condição Feminina na Sociedade Atual", discute o papel da mulher negra na sociedade brasileira, destacando que frequentemente as mulheres são vistas a partir de estereótipos impostos perante elas, além de serem vistas sob diversos estereótipos por

serem mulheres e por serem negras. Nesse contexto, a autora enfatiza a importância de considerar criticamente as experiências enfrentadas por mulheres negras, afirmando que "quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que o estereótipos gerado pelo racismo e pelo sexismo a coloca no mais baixo nível de opressão" (Gonzalez, 1982, p. 97).

A autora enfatiza que o lugar da mulher na sociedade brasileira é frequentemente determinado por uma série de fatores, como a classe social e a raça. Segue em sua proposta e discute como os estereótipos impostos sobre a mulher negra impossibilitam suas oportunidades e restringem sua autonomia. Além disso, Lélia Gonzalez aponta para a importância dos movimentos sociais na luta pela igualdade e os direitos das mulheres, ressaltando que a emancipação feminina não é apenas uma questão de direitos, mas também de reconhecimento e valorização das contribuições das mulheres em todos os aspectos da sociedade.

Gonzalez (1982) argumenta que a transformação da posição da mulher exige uma consciência crítica das desigualdades existentes e uma mobilização ativa para construir uma sociedade mais justa e igualitária. Carolina Maria de Jesus, através de seu diário, narra sua vida na favela do Canindé, revelando uma experiência que é coletiva, feminina, negra e desafia a sociedade brasileira expondo o enclausuramento no " quarto de despejo" que a sociedade, patriarcal, racista, liberal e misógina insiste em nos colocar enquanto mulheres negras. Com força e coragem, Carolina não se esquiva, nos convida a interpelar e projetar outros horizontes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao forjar uma escrita atravessada por lutas e violências, outras "Carolinas" buscam um meio de expor desafios e opressões que vivem diariamente. Ao trazer à tona as condições de vida precárias, a narrativa contribui para a conscientização sobre as desigualdades sociais e raciais e a necessidade de transformação, vivências que muitas mulheres negras e periféricas enfrentam. Ao mesmo tempo, a autora não esconde as frustrações e as dores que são coletivas, revelando a complexidade de suas vidas. Além disso, Carolina Maria de Jesus utiliza sua própria experiência como uma mulher negra e favelada para destacar a interseccionalidade das opressões que enfrentamos. Seu projeto estético e ético é um testemunho poderoso de resistência e busca por uma vida melhor, refletindo a luta por igualdade e reconhecimento no contexto de uma sociedade marcada por desigualdades. Assim, dessacraliza a maternidade e ao posicioná-la na experiência negra expõe a violência racial que funda o Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Patrícia Marciano de; BARROS, João Paulo Pereira. Universidade Federal do Ceará **Grupos de mulheres, mães e familiares contra a violência**:cartografia de suas movimen-

tações na cidade de Fortaleza/Ceará Mnemosine Vol.18, nº1, p. 42-64 (2022) – Artigos. DOI: 10.12957/mnemosine.2022.66382

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Geledés Instituto da Mulher Negra. 2011.

DAMACENO, N. S.; MARCIANO, R. P.; MENEZES, N. R. C. D. **As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno.** 2021.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado**. Escrevivência**: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EBLE, Taís Aline. **A literatura marginal/periférica**: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas. v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193-212.

EVARISTO, Conceição.

FERREIRA, Carolina Costa. **Vozes de uma dor sem nome**: necropolítica maternidade no Brasil. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, Vol. 11,N. 01, 2020, p. 732-738. DOI:10.1590/2179-8966/2019/44821| ISSN: 2179-8966

GONZALEZ, Lélia. **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

JERÔNIMO, Edilene de Cássia. **Cuidado e mulheres negras uma análise sobre a maternidade e paternidade negra na cidade de Viçosa**-MG.

JESUS, Carolina Maria De. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues De. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: Experiência marginal e construção estética. São Paulo,2013.

RIBEIRO, Evelise Hahne; ANGELI, Gustavo; BENEVENUTI, Jeisa**. Quarto De despejo**: Uma análise psicanalítica da mulher negra diante da violência vulnerabilidade social.

SILVA, Eliana Pereira**. Lutas e resistências de mulheres negras na periferia da zona sul de São Paulo**. Revista Goitacá, v. 1, n. 2, p. 01-14, jul-dez/2022.

SILVA, Marcela Samara Lira da. **Um olhar para além da beleza da maternidade**: burnout materno - exaustão e sobrecarga de mães. 2021. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, Cuité, 2021.

SILVA, Mário Augusto Medeiros Da. **A Descoberta do Insólito**: Literatura Negra e 0RODRIGUES, SILVA, Mães da periferia entre luta e luto: Prática que resistência e cuidado de mulheres que Tiveram filhos/a Assassinados/a No Ceará. Universidade Federal do Ceará sempre de humanidades programa Depois graduação psicologia consolidado em psicologia. Fortaleza.2022, P.15-175.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Emprego doméstico no Brasil é formado por mulheres**.Brasília, DF, mar. 2024. Disponível em: Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Emprego doméstico no Brasil é formado por mulheres**. Disponível em: 14 out.2024.

SENADO FEDERAL. Instituto de Pesquisa DataSenado. Pesquisa DataSenado detalha a **violência doméstica contra mulheres negras: desigualdades e desafios.** Brasília, DF. . Acesso em: 15 out. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.